



remaa

Os paradoxos do covid-19 e a ação da educação ambiental: ante imprevisibilidades e incertezas

Aloisio Ruscheinsky¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1297-0795>

Resumo: A realidade histórica tende a ser compreendida como uma construção social, com significados objetivos e subjetivos, como é o caso dos projetos de educação ambiental e do Covid-19. Esta pandemia aponta limites e possibilidades, a nossa interdependência com os outros e a natureza. O objetivo do texto consiste em trazer à luz uma abordagem dos propósitos para a educação ambiental, diante do caos, das incertezas e das mudanças socioculturais. O fenômeno em destaque atesta de maneira paradigmática a relevância do sistema de proteção social, o intercâmbio com o bem-estar ambiental, bem como a extensão e intensidade das incertezas que afligem os cidadãos ante as transformações tecnológicas em curso. Uma boa parte do texto está dedicada ao delineamento de aspectos considerados importantes, como uma prospecção, para uma educação ambiental numa perspectiva pós-pandêmica.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Pandemia. Incertezas. Paradoxos.

Las paradojas del covid-19 y la acción de la educación ambiental: ante imprevisibilidades e incertidumbres

Resumen: La realidad histórica tiende a entenderse como una construcción social, con significados objetivos y subjetivos, como es el caso de los proyectos de educación ambiental y Covid-19. Esta pandemia apunta a límites y posibilidades, nuestra interdependencia con los demás y con la naturaleza. El objetivo del texto es sacar a la luz un acercamiento a los propósitos de la educación ambiental, ante el caos, las incertidumbres y los cambios socioculturales. El fenómeno destacado en el texto atestigua paradigmáticamente la relevancia del sistema de protección social, el intercambio con el bienestar ambiental, así como la amplitud e intensidad de las incertidumbres que afligen a la ciudadanía frente a los cambios tecnológicos en curso. Gran parte del texto está dedicada a delinear aspectos considerados importantes, como la prospección, para la educación ambiental en una perspectiva después de la pandemia.

¹ Doutor em Sociologia pela USP. Professor jubilado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Pesquisa sociedade e ambiente., desigualdades e políticas públicas. E-mail: aloisioruscheinsky@gmail.com

Palabras clave: Educación Ambiental. Pandemia. Incertidumbres. Paradojas.

The paradoxes of covid-19 and the action of environmental education: in the face of the unpredictability and uncertainties

Abstract: The historical reality tends to be understood as a social construction, with objective and subjective meanings, as is the case of environmental education projects and Covid-19. This pandemic points to limits and possibilities, our interdependence with others and with nature. The aim of the text is to bring to light an approach to the purposes for environmental education, in the face of chaos, uncertainties and sociocultural changes. The phenomenon highlighted in the text paradigmatically attests to the relevance of the social protection system, the exchange with environmental well-being, as well as the extent and intensity of the uncertainties that afflict citizens in the face of ongoing technological changes. A large part of the text is dedicated to outlining aspects considered important, such as prospecting, for environmental education in a post-pandemic perspective.

Keywords: Environmental education. Pandemic. Uncertainties. Paradoxes.

Introdução

A partir de um olhar de resistência pretendemos colaborar com uma reflexão visando contribuir à compreensão de paradoxos ante um fenômeno social ímpar e suas consequências para o campo da educação ambiental. A emergência e difusão de um vírus desconhecido suscitou controvérsias no campo da ciência, negacionismo, conflitos entre forças políticas, diversas ações irracionais e respostas comedidas em meio ao desespero, incredulidade e dilaceramentos sociais. Mesmo admitindo uma multiplicidade de expressões em uso corrente, por uma opção arbitrária utilizamos a noção de Covid-19 ou pandemia². A onda de ameaças ocasiona e propaga consequências ambientais, institucionais, culturais, econômicas e políticas. As proposições de educação ambiental em boa medida foram abaladas, poucas foram ratificadas. Ao mesmo tempo, inclusive no campo acadêmico, o mundo se dá conta dos limites de suas conquistas ou as lacunas do conhecimento e a imperícia do processo civilizatório.

Os riscos potencializados de contágio e de transmissibilidade desconhecem as usuais fronteiras, todavia o isolamento social e medidas protetivas parecem um retorno ao passado. Frente ao desafio de compreender os efeitos adversos no presente e o desenho de

² É o caso de considerar a sua caracterização pelo termo sindemia uma vez que se combinam os âmbitos global, sanitário, científico, sociocultural, ambiental. Com tais âmbitos fica evidenciada a sua complexidade e a responsabilização humana pela sua emergência e difusão.

mudanças em curso para a educação ambiental o olhar dialético pode soar como estratégico para a compreensão de fenômenos paradoxais.

O isolamento social representou uma importante estratégia também defendida por educadores ambientais diante de incertezas postas e as medidas para conter o contágio diante de vidas expostas aos limites dos sistemas de saúde. De qualquer forma, parece que no tempo pós-pandêmico serão mais adequados novos olhos para compreender a realidade da aventura humana.

Dando conta da explicitação da pergunta/problema que fundamenta a narrativa do texto entendemos como relevante destacar que o transcurso da pandemia afetou profundamente o bem-estar social e ambiental, ao mesmo tempo que alargou o leque de incertezas, por conta do que discorreremos sobre algumas inflexões propositivas para o campo da educação ambiental. O objetivo consiste em trazer à luz algumas reflexões por meio das quais se estabeleça uma abordagem dos propósitos para a educação ambiental considerando as lições da pandemia, em especial diante do caos instaurado, das incertezas apesar da consistência das ciências modernas e das mudanças socioculturais. O fenômeno socioambiental em destaque no presente texto instaura um olhar a partir da perspectiva utópica, de caminhos possíveis em cujos percalços nos situamos na contracorrente da tragédia. Atestamos de maneira paradigmática como se renovou a relevância do sistema de proteção social, o intercâmbio, senão a subserviência, com o bem-estar ambiental, bem como a extensão e intensidade das incertezas que afligem os cidadãos mesmo com as transformações tecnológicas em curso.

Os possíveis subtítulos, sugeridos com frequência, como “Fundamentação”, “Metodologia”, “Resultados e discussão” tem sido contemplados em seu teor, porém substituídos por outros similares ou adequados à abordagem epistemológica-metodológica, bem como explicitamos devidamente a pergunta/problema e o objetivo. Do ponto de vista metodológico incorpora-se um deslocamento do sólido ao fluido, da confiança certa ao incerto e ao contingente. Concebemos o sentido da educação de modo ampliado como mecanismo de solidificação de uma visão socioantropológica do mundo, na qual as questões de saúde do meio ambiente são componentes da compreensão. Ao mesmo tempo

pode-se interrogar “o que as ciências sociais estão fazendo aqui?” no campo do entrelaçamento entre educação e epidemiologia. Sem sombra de dúvida para uma abordagem não convencional do fenômeno em tela e de como implementar mudanças e precauções quanto aos riscos de desastres (MARCHEZINI, 2020).

A abordagem se insere numa investida em termos de abordagens da complexidade, da ótica dialética e da reflexividade. Compreende-se que a realidade se encontra permeada por conflitos de interpretação, por incertezas e por movimentos contraditórios. O momento de transcurso da pandemia é propício para a inserção da ótica dinâmica entre subjetividade e objetividade, entre tantos outros binômios. Outro aspecto metodológico consiste em aclarar que uma abordagem da educação ambiental para tempos pandêmicos ou pós-pandêmicos (talvez estes não venham a conhecer a luz do dia) implica necessariamente incorrer numa perspectiva utópica.

De um ponto de vista antropológico a realidade enfocada requer acima de tudo um conhecimento paradoxal, que reconhece as possibilidades da (ir)reversibilidade, a complexidade em contraposição ao dualismo, onde as certezas se diluem, onde pensar as contingências do real sempre é algo arriscado. A situação paradoxal nos põe diante, de um lado, a pretensão de regular a incerteza com a construção de modelos decisórios e, de outro, o reconhecimento dos riscos e da indeterminação de práticas sociais insuficientes. Em certo sentido, o nexos entre o assombro ante um vírus e dimensões paradoxais pode implicar profundas interações entre natureza e cultura, bem como mudança de paradigmas epistemológicos.

O texto é composto por duas partes. Na primeira comparecem como fundamentação os efeitos socioambientais da pandemia com os novos riscos, sociabilidades abaladas e persistência das desigualdades. Ocasão em que nos adentramos no nexos entre tecnologia social, o contágio no ambiente e as catástrofes, apontando aspectos da biopolítica e da necropolítica como prática governamental, a explicitação do medo, da violência e as incertezas, os riscos ambientais como condição social, entre outros. A segunda parte é dedicada ao delineamento de aspectos considerados importantes para uma educação ambiental numa perspectiva pós-pandêmica, se é que podemos cogitar este período. Assim

abordamos o que entendemos por uma mística ou visão de mundo que se contraponha como um reverso do deus necrófilo feito à imagem do opressor/devastador. Agrega-se igualmente alguns entrelaçamentos para o campo da educação ambiental a partir da interpretação dialética dos fenômenos, considerando em particular as contribuições de Latour. Por fim, conjecturamos que as adversidades da pandemia implicam em uma educação ambiental que se traduza pela metodologia do trabalho de campo de forma sistemática.

2. A pandemia e os novos riscos na sociedade das desigualdades

O Covid-19 assentou na agenda pública nacional e global centralidade e a urgência de robustecer o Estado de bem-estar social para amenizar a letalidade do vírus e salvaguardar os arranjos institucionais. No caso brasileiro, cuja polarização e desigualdade é uma das mais vigorosas do mundo, em flagrante oposição às recomendações sanitárias com reforço ao isolamento social horizontal, setores minoritários ruidosos adotam posicionamentos de contestação, inclusive o presidente da República. Isto denota o quanto os cidadãos se encontram fragilizados e o quanto de incertezas pairam no ar. Paradoxalmente, quando mais parecia se levar a efeito uma política de desestatização, a realidade dos fatos implicou em reforço da ação coletiva do Estado com um largo programa de auxílio emergencial e, sobretudo, o sistema de saúde pública reverberou ser de fundamental importância.

A crise sanitária demonstrou a capacidade do SUS de, além de destinar atenção sanitária aos pobres, também contempla benefícios para todas as classes, suscitando ações de vigilância sanitária e combate epidemiológico. Ao longo de todo processo pandêmico se evidenciou que as políticas de saúde no Brasil indisponem de recursos satisfatórios para assegurar a testagem em massa e desta maneira minimizar os contágios e a letalidade. A crise sanitária mais uma vez demonstra que os mais pobres mais sofrem com as consequências da pandemia, sendo penalizados com as políticas de austeridade, o desdém de governos negacionistas e regras fiscais rígidas quando de interesse. Ante o grau de insegurança, indiferença e desconfiança torna-se mais urgente a reinvenção de um pacto

social que tenha a capacidade política de efetivar uma sinergia solidária entre cidadãos e destes com a natureza, com declínio da fé nas soluções do mercado.

Esta é a emergência do infortúnio devido as incertezas e a imprevisibilidade de uma sociedade do contágio. Antecedido por outros episódios de infortúnio, no caso do Covid-19 estamos cientes de uma pandemia planetária e a inadequação do saber e das práticas ecológicas devido à sociedade de risco. Neste contexto emerge um risco demarcado como incerteza, imprevisibilidade, invisibilidade e incontrolabilidade, especialmente se considerarmos as novas cepas proliferando.

Estamos absortos ou atordoados e como adolescentes não conseguimos imaginar o que o destino reserva no futuro próximo. As medidas profiláticas se reportam a termos como distanciamento, confinamento, uso de equipamentos de proteção e isolamento social. Debatem-se os efeitos danosos de novas tecnologias devotadas ao entretenimento e à comunicação, do biocapitalismo, do fetichismo do dinheiro, da indiferença e individualismo e dos infortúnios em experiências de laboratório. Outro fator paradoxal reporta-se às políticas em torno das medidas profiláticas, cujo veredicto soa como continuação da guerra por outros meios uma vez que as desigualdades vigentes resultam de uma sociedade conflagrada. É uma falsa compreensão de um conflito entre segurança sanitária e liberdade de ir e vir (ALMEIDA; MARIN; MELO, 2020).

Diferentemente da experiência vivida de compreender a ciência como capacidade de domínio sobre todas as coisas, a pandemia faz parte de um problema da interação homem-natureza ou do biocapitalismo. Existe uma implicação biotecnológica sem perspectiva de solução imediata, tendo em vista a impossibilidade de menosprezar algo tão minúsculo ou invisível e desprezível, no tempo de infecção torna-se como que um gigante invisível ou um monstro (imagem cinematográfica). Por esse motivo, ao considerá-lo uma fatalidade, um acidente no percurso da civilização, uma cilada para a ciência, ou até conspiração encontra-se traspassado de conflitos de interpretação, talvez com uma capacidade alta de contágio em todo o sistema social, a capacidade de comunicação e de ação de indivíduos, a transmissão de dados estatísticos e suas variáveis, bem como as decisões governamentais. De maneira paradoxal, a onda de contágios e superação também se tornou uma outra arma

poderosa de desorientação em massa, seja por aqueles que alimentam a máquina do ódio e minimizam a possibilidade do contágio, seja nas redes sociais onde a liberdade de expressão se confunde com incivilidade, bem como uma polarização é adversa à solidariedade e à empatia com a alteridade.

O Covid-19 afeta a soberania do acesso ao ar, da água, da circulação, da energia, entre outros, da soberba humana ou da arrogância dos impérios econômicos agora ineficientes. Assim, o mundo real e o imaginário social por vezes se confundem, na medida em que emerge um fenômeno que se apresenta aqui como uma incógnita. A ordem racional da sociedade contemporânea tem sido objeto de ataque de agentes inescrupulosos e invisíveis: o vírus, o medo, o entorno viral. O distanciamento social ao contrário dos tempos da emergência das ciências sociais, não é sintoma de anomia e uma ação racional que se sustenta devido às múltiplas consequências práticas. Em lugar da intensa e ampliada circulação de mercadorias³ e pessoas, recomenda-se parcimônia, o cuidado com o outro.

O cuidando com as pessoas não consegue por ocasião da pandemia distribuir os recursos disponíveis de maneira equitativa, pois há os serviços essenciais, como saúde e segurança, além da compulsão ao consumo. Nesse sentido, o fenômeno objetivo parece distinto: um vírus compreensível como nova virulência social, ou desperta o olhar para uma chocante virulência classista e racista, porque não dizer uma ameaça democrática, que tem sido contaminada como espaço de negociação.

Os conflitos políticos na gestão da crise sanitária foram amenizados com medidas do Estado de bem-estar e as controvertidas medidas profiláticas de isolamento. Sob a dimensão antropológica a perplexidade, inclusive das ciências contemporâneas, comparece como fenômeno em que parece deslizarem-se as certezas. Contraditoriamente, as mesmas ciências e o conhecimento produzido são ameaças (PINTO, 2020), entretanto de alguma forma são os pilares para o conhecimento dos riscos que nos ameaçam no circuito pandêmico.

³ Entre os efeitos da onda do coronavirus situam-se as consequências drásticas sobre as relações sociais capitalistas e a sociabilidade. A tentativa de retornar ao “normal” é desconhecer as lições da pandemia e de que crises como estas tem a perversidade de alargar as desigualdades (KLEIN, 2008). De qualquer modo faz parte do leque de desastres tecnológicos e constitui um apelo a um sistema universal de saúde pública.

O paradoxo para as ciências sociais consiste na tentação de abandonar o império do pensar lógico cartesiano, pois que o desafio se desenha em destacar uma reflexão sobre o concreto ou para realçar a investigação sobre as incertezas. A insegurança com sensação perturbadora pelas exterioridades da vida moderna tem no assombro da AIDs, quanto no terrorismo e guerras étnicas e esse novo Covid-19 um ar de familiaridade entre si. Ambos pertencem a fenômenos irradiados a partir da contingência de incertezas, da imprevisibilidade, da imponderabilidade, da invisibilidade, como características da sociedade de risco (BECK, 2011). De outro lado, a imprevisibilidade ou o fator surpresa do evento pandêmico abre uma nova temporalidade, quase uma perspectiva messiânica, ao mesmo tempo, de repente, tudo o que era sólido se desmancha no ar. Irrompem outras oportunidades para imaginar outras formas-de-vida. A incerteza se impõe aos nossos olhos, do que há de vir, mas fundamentalmente depende da capacidade de nos desfazer dos odres velhos que azedam a vida no planeta e construir novas relações sociais. O contágio e a reação em cadeia engendram uma figura genérica: a catástrofe.

3. A configuração da tecnologia social: sociedade de contágio e das catástrofes

A configuração das novas tecnologias não está imune à ocorrência de catástrofes. Estas inauguram uma figura social pertinente ao campo das vulnerabilidades e, como tal, a força expressiva deriva dos sentidos socialmente produzidos. Ao voltar o olhar sobre o evento sanitário temos a estatística de óbitos como variável funcional como se o sofrimento pudesse ser medido por números: infectados, mortes e curados podem se constituir em dados⁴ numéricos significativos.

No assombro da morte há uma dimensão subjetiva que a transcende fatos objetivos, uma afetividade em jogo, sempre que o lucro não se sobrepõe à vida. A montagem de estatísticas rende o espectro do agente infeccioso como uma realidade antecipada. Portanto, como diariamente dados são contabilizados faz a vez de uma acelerada catástrofe,

⁴ Obviamente, a perda de vidas é sempre lamentável e Díaz e outros (2020) trazem uma estimativa de mortes nas pandemias mais letais, ao longo de cinco séculos, arrolando como catástrofes doze eventos históricos.

alardeada pela mídia e redes sociais, cumpre a incumbência de salvaguardar a coesão e o significado do corpo social.

A irrupção da pandemia ensina que os fluxos biológicos, os ciclos da natureza ou os limites do ecossistema, ao lado das incertezas devem ser levados em conta como paradigma social (DÍAZ et al, 2020). No mais, apesar de todas as conquistas, comparece como contundente a cegueira do “homo Sapiens”, o fausto do “homo consumens”, o egocentrismo do “homo economicus”, a governança do “homo sacer” e as confissões do “homo pragmaticus”. Por certo, estas habilidades se dobram ante este impressionante, micro e poderoso vírus, que demonstrou o quanto à vulnerabilidade não nos abandonou. Ou o quanto apesar das capacidades tecnológicas continuamos atentando contra a própria existência (PIAIA; CERVI, 2020)

O que acima de tudo parece estar em jogo, em risco é o imprescindível pacto social provido de sentido socialmente reconhecido para simular e recriar o convívio social pós-pandêmico. Inclusive selar um pacto social mais equitativo está diretamente relacionado às condições de efetivação de uma consistente educação ambiental. O temido contato com o invisível afeta estruturas transversais, incluindo a informação para a comunicação entre pares, a governança do espaço público, bem como o trabalho, a renda social e as mercadorias. Outro aspecto compartilhado alimenta a catástrofe: o princípio da invisibilidade, da incerteza, da imprevisibilidade. Tais aspectos vêm acompanhados se crescente senso de desconfiança do outro, do diferente, atestando um crucial paradoxo do tempo presente. Este sentimento parece um desdém ora do regime democrático, ora das medidas profiláticas ou ainda da ciência. Em circunstâncias de relações sociais sob o controle de novos artefatos técnicos (como deveras imaginamos), não sem enganos com persistentes ou recentes contratemplos históricos, surgem insólitos desafios à educação ambiental ante a angústia de um inimigo invisível, deixando o corpo social indefeso.

As novas fobias, paranoias e pânico emergem dos corpos superprotegidos de todos os cuidados com o asseio, das mais diversas técnicas de medicina e da indústria dos cosméticos, mudanças estéticas, certamente vulneráveis de maneira quase universal. No mais, um processo eficaz de educação ambiental também requer uma revolução estética

(PASSOS, 2021), talvez mais do que inovação tecnológica. Paradoxalmente, dos magnos avanços emergem novos riscos imprevisíveis, como o vírus, ou do veneno da cobra se faz o antídoto. Da mesma forma, no campo da educação ambiental consideramos que o corpo social, como o corpo biotecnológico, perde suas defesas ou imunidades à medida que avança a sofisticação de dispositivos técnicos, o generalizado êxtase da (des)informação. As inovações tecnológicas recobrem uma dimensão paradoxal, alavancam e subordinam.

A incerteza logrou ampliar seu terreno em medida proporcional ao avanço de construção de dados informacionais, sendo que neste quesito consiste a sua força expressiva: o temor é talvez menos quanto à infecção pelo novo vírus, mas sim a incerteza quanto aos seus efeitos ou sequelas, enfim o que não se pode predizer. O inusitado ou paradoxal consiste enquanto insistimos em escapular desse estado mental com acúmulo de informações, nada nos faz irradiar caminhos de distanciamento de incertezas. Porquanto, cada qual a seu modo se dá conta do quanto não é possível conhecer ou da insuficiência dos cânones das ciências. Subsiste um círculo vicioso envolvente que resulta da virulência social e da exaustão de recursos naturais, às quais as feições da pandemia devem ser compreendidas como integradas. As relações sociais e o nexos entre ciência e ideologia são ressignificadas, bem como a sua subordinação ao mercado financeiro ou às promessas da biotecnociência (PASCHOALOTTE, 2019). As informações se multiplicam sem ostentar efetivo antídoto para as novas incertezas, mas sim, paradoxalmente, parece fazê-la proliferar⁵ ainda mais em face do efêmero diante de nossos olhos.

A partir do permanentemente movimento entre homem e os bens naturais, a partir da incerteza e de desconfiâncias, a onda das variantes do coronavírus também nos permite avaliar a vida social à luz do contágio ou casos assintomáticos, da hipótese da catástrofe socialmente engendrada. Se para os humanos é delimitado um espaço para respirar, Santos (2020) advertem que especialistas demonstram que também o planeta está respirando diferente com a queda dos índices de poluição da atmosfera, pois despencaram nos países

⁵ De acordo com Beck (2011), e, também, Giddens (2000), habitamos num mundo fora do controle, porém, o que há é a incerteza, associada ao processo de modernização.

em quarentena, devido à redução das emissões de gases que atuam sobre as mudanças climáticas.

Ante à educação perfilam tanto a incerteza, falta de confiança, êxtase e desencontros nas redes sociais, quanto um Estado destituído de poder, distanciamento social, autossuficiência comprometida. Paradoxais medidas de mitigação ante à ameaça de pandemia: de um lado parece reforçar a individualidade na medida em que cada um se encontra refugiado em sua habitação, de outro existem reinvenção de formas de convivência e do sentido da vida, no horizonte do cuidado, do reconhecimento e da alteridade. As medidas tomadas para vigilância sanitária e para restringir a mobilidade com o pretexto de combater o risco da pandemia, de acordo com Santos (2020) paradoxalmente podem ser mecanismos protetores, ao mesmo tempo o Estado adquire poderes excessivos que impõem restrições às regras da democracia. Seria o contágio do agente infeccioso do autoritarismo.

O espetáculo está montado como num circo, não desaparece da superfície do planeta porquanto como catástrofe se materializou na sobrevivência ou suborno à ética ambiental, ou ainda o refúgio na autonomia do indivíduo. Incerteza, imprevisibilidade, descontrole e efêmero sobressaem em circunstâncias onde quase tudo é medido, calculado, codificado, exposto saturando informações. A pandemia expôs os indivíduos a uma virulência social que questiona os fundamentos do espírito racional da modernidade. Enfim, a sociedade do contágio consiste num fenômeno de interrupção de contatos imediatos, impõe um freio aos fluxos, expande medos melancólicos com aprofundamento de neuroses da vida agitada, quando não remete ao triunfo do digital sobre o face a face. A sociedade de contágio à semelhança da sociedade de consumo: a circulação de fluxos informacionais parece atinente à salvaguarda de exercemos o direito de estar a salvo de contatos demasiadamente próximos. Em outros termos, a pandemia favoreceu a ascensão do virtual e do digital.

4. Uma mística ou visão de mundo para a educação ambiental no reverso do imaginário

Apesar da trajetória da noção espiritualidade ou mística, que possui histórica nos debates como uma categoria no campo da antropologia em particular e o seu uso nas ciências sociais ainda cabe uma abordagem pormenorizada da valia e das capacidades explicativas (GIUMBELLI; TONIOL, 2020). A questão que se impõe aqui é quanto às apropriações como um tema sistematizado⁶ para o campo da educação ambiental.

Uma mística ao reverso das práticas negacionistas diante das mudanças climáticas, reverter a insensibilidade ao outro, a derrocada da biodiversidade, a violência de gênero, a supremacia racial, o militarismo, entre outros. Com certeza a miragem é feita à imagem do outro, seja ser humano, seja natureza, como um cuidador, ao contrário de uma divindade forjada à semelhança do ditador, do devastador. No ditado “deus acima de todos” encontra-se embutida uma prática da necrofilia ou genocida, pois que a sua reverência se fez sob milhares de mortes na pandemia (MBEMBE, 2018), ou de entregar os bens ambientais aos deuses da mercadoria.

Neste sentido, a acusação ao sistema genocida, também é ecocida pois que com o colapso socioambiental se ergue um altar para sacrificar a natureza em troca de lucro e prazer, seja no desmatamento, seja no envenenamento alimentar. A educação ambiental neste processo precisa ressurgir do fosso da destruição e enaltecer que os bens naturais preservam as fontes genuínas da vida. Esta educação requer uma mística cotidiana, bem como é produtora dela mesma, em que se instauram processos de reverência como reconhecimento da nossa profunda interdependência. Isto nos impõe a capacidade de reinventar o significado do alimentar-se, pois sempre existe um sentido místico posto, implícito ou explícito, seja do veganismo ou da parcimônia, seja da suntuosidade do banquete ou ritual do churrasco. Esta ótica “implica que a espiritualidade se vive nas atividades correntes do mundo material, e do secular” (ROLEMBERG, 2020, p. 59), no cuidado dos bens ambientais, na forma de consumir, no fazer ciência, na ação pedagógica, na colaboração com coleta seletiva ou na redução do uso de energia e de plásticos, etc. O cuidado que a mística da educação ambiental nos inspira é zelar pelo outro que existe em

⁶ Um percurso pela diversidade de interpretações desta temática na contemporaneidade encontra-se em Giumbelli e Toniol (2020) de forma detalhada ou sistematizada.

nós ou a alteridade que nos habita, bem como cuidar de um mundo ferido. Todavia, de sua parte, Giumbelli e Toniol (2020, p. 12) alertam para a diversidade de entonação nos usos dos termos que “nas ciências sociais, ora ela é mobilizada como um substantivo que designa um fenômeno em si mesmo, um fato que, por múltiplo que seja, guarda características nominais próprias; ora a categoria é transformada em adjetivo que qualifica processos e coisas, ou seja, que caracteriza aquilo que descreve”.

Diante do negacionismo, no caso brasileiro, do ponto de vista do apelo à uma suposta divindade, soa como um cristofascismo (SANCHEZ; ARRUDA, 2020) com uma narrativa que é a mais crassa manipulação do sagrado à serviço de uma ideologia que pressupõe o sacrifício de humanos e da natureza. Neste sentido, é uma necropolítica, criminaliza as vítimas, inimiga da democracia e dos direitos. Sem sombra de dúvida, a educação ambiental neste esquema não possui um espaço reconhecido, pois que é vista como adversária do progresso, aliada dos direitos humanos e da natureza. Tampouco pode ser uma mística nacionalista e populista: deus não é brasileiro deitado eternamente em berço esplêndido!

Por sua vez Giumbelli e Toniol (2020, p. 15) atentam para “a política da espiritualidade, isto é, para o modo pelo qual essa categoria produz realidades, agencia atores e mobiliza instituições”. Consiste numa espécie de metodologia da ação que insiste na compreensão de situações e as configurações de poder e de saberes com os quais se articula ordinariamente. A mística da educação ambiental sublinha como predicados a compaixão (olhar com paixão) e a misericórdia (olhar todas as coisas com o coração) ante todas as culturas e os ecossistemas. Se de um lado, o fenômeno do Coronavírus nos convida a rezar e a meditar (BOFF, 2020), de outro, um momento *sui generis* de rever nossas utopias e nossas ações transformadoras.

Uma posição de vigilância epistemológica permanente em lugar da desconfiança ante às ciências e do carácter mágico de medicamentos à margem dos conhecimentos da medicina. A mística da educação ambiental é diametralmente oposta a qualquer sacrifício seletivo, seja de seres humanos, de classes sociais ou setores vulneráveis, como comunidades afrodescendentes e indígenas, seja da subordinação atroz dos bens naturais

aos caprichos alheios. Ao contrário da indiferença como medida deliberativa, assimila o compromisso como na letra de León Gieco (argentino) e interpretação de Mercedes Sosa, em que se destacam alguns elementos fundamentais dos direitos humanos em tempos sombrios.

Solo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente
Que la resaca muerte no me encuentre
Vacía y sola sin haber hecho lo suficiente
Solo le pido a Dios
Que lo injusto no me sea indiferente
Que no me abofeteen la otra mejilla
Después que una garra me arañe esta suerte
Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
 Toda la pobre inocencia de la gente
Solo le pido a Dios
Que el engaño no me sea indiferente
Si un traidor puede más que unos cuantos
Que esos cuantos no lo olviden fácilmente
Solo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente

Enfim, esta mística, que cotidianamente combata a indiferença como um mal do século XXI também se aplica diretamente à meta de ampliação do espectro da educação ambiental. Ao mesmo tempo que não distingue cristãos, ateus ou umbandistas, vem a propor uma contemplação cotidiana de um ambiente povoado por ameaças inquietantes, senão (in)compreensíveis ou invisíveis a olho nu. Um momento de prece agradecida pelo sustento adquirido dos bens naturais, ao mesmo tempo de nos recordar o que nos custa muito sofrimento ouvir que do nada viemos e ao pó retornaremos. Um discernimento diante da possibilidade de uma sucessão absurda de desastres ecológicos ou tecnológicos, cuja magnitude é difícil de compreender e cujas respostas aludem a um engajamento individual e coletivo. Os educadores ambientais como profissionais imbuídos de uma mística aqui delineada não enfocam uma identidade em particular (GIUMBELLI; TONIOL, 2020), mas

compreendem as alianças e as mediações engendradas pela visão de mundo como um aspecto orgânico e universal a todos os seres que se guiam pela noção da alteridade.

5. Entrelaçamentos do movimento da Educação Ambiental a partir da leitura dialética

Ficou evidenciado na exposição acima que a fratura exposta da sociedade de risco coloca em xeque a racionalidade ocidental e suas (in)capacidades de compreender e desvelar as contradições engendradas nas relações sociais. Uma concepção do mundo social e político como uma tensão ineludível que se fundamenta numa dialética mantém entrelaçados os opostos sem anulá-los ou reduzi-los à unidade forçosamente. Desta forma, a multiplicidade e unidade nas questões ambientais constituem os polos de uma tensão ineludível. Cabe compreender os fenômenos sociais como uma trajetória não linear, como em Biral (2014), bem como da ótica prescritiva para desvelar as contradições das relações sociais.

A maioria das leituras que em terras brasileiras se fazem de Latour (1994; 2017), no caso atendo-se a duas obras emblemáticas, cometem o equívoco de se manterem cativas ao olhar que por sua vez é criticado pelo autor. O que no mais o autor denomina de moderno é o evento do positivismo que impregna a maioria das ciências, inclusive uma boa parte das humanas (Durkheim). Sendo, portanto, equivocado não compreender como um gracejo o “jamais fomos modernos” de um autor que se situa no cerne do debate das consequências da modernidade. Acima de tudo importa à Educação Ambiental o reconhecimento da oposição de dois produtos da modernidade e uma tomada de posição entre positivismo (que segmenta, distingue) e dinâmica ou dialética ou historicidade (relaciona, conecta, rede, mediação). O positivismo instaurou dualismos entre natureza e cultura, entre objetos e sujeitos, humano e não-humano, entre tantos outros. As dicotomias são completamente insuficientes para compreender a complexidade dos conflitos ambientais em curso e a formulação de possíveis soluções pela ótica da Educação Ambiental.

De outra feita, as práticas da EA, para além de um protagonismo de humanos na resistência, conforma uma associação de atores não-humanos e humanos. Não há ação

humana sem a materialidade da natureza e como tal ambos como agentes de ação ou atores em rede, instauram, de forma recíproca, negociações, mediações. Este reconhecimento de que ambos se afetam e se relacionam por meio de trocas, um dilatando a ação do outro não constitui uma descoberta de Latour. Acima de tudo é a filiação do autor a uma vertente da modernidade que relutou para sobreviver sob a hegemonia do positivismo.

Portanto, a perspectiva não-moderna (não confundir com pré-moderno) significa a negação do positivismo e como tal explora as associações, as conexões ou tudo se encontra em relação e em movimento como um coletivo (CASTRO; OLIVEIRA, 2018). Em vez de visão linear em especial observa o movimento, a circulação/interdependência, a ação estrutura as redes. Na realidade existe dialogicidade e disputa/controvérsia como dimensões do real e que compõem os paradoxos. Por exemplo, a economia dos bens ambientais é circular.

O autor aproxima a noção de crença ou mística da visão do campo amoroso: a dialética do próximo e do distante. A pergunta sobre o significado do real é fundamental para uma resposta como engajamento. Na noção de mística encontra-se implicado também um nexos envolvendo natureza e sociedade. A natureza, por mais que também abranja o humano, é uma dimensão que precisa ser desvelada ou descoberta: ao mesmo tempo imanente e transcendente (LATOURE, 2017).

Enfim, quem é sujeito e quem é objeto se considerarmos o transcurso da pandemia do Covid-19? ou nas mudanças climáticas? São circunstâncias em que causa e efeito se mesclam ou fundem em uma amálgama, pois na circulação os dois polos passam a ser dinâmicos ou sujeitos de ação. As desigualdades se manifestam presentes de forma constrangedora, uma vez que “tanto as injustiças ambientais, urbanas e climáticas como a pandemia do vírus não atingem, afetam, impactam e tem consequências iguais para todos” (MACHADO, 2020, p. 35).

Por fim, o paradoxo das inovações tecnológicas diante das quais os educadores ambientais não estão imunes: adquirir senso de discernimento quanto ao impacto de novas tecnologias na saúde humana e do planeta com operações aparentemente de maior risco (PIAIA; CERVI, 2020). Entenda-se que os tempos pandêmicos fizeram crescer a adesão de crianças e jovens aos jogos eletrônicos e às redes sociais cuja ótica pode não ser penhor da

democracia, dos direitos, do reconhecimento da alteridade, da proteção ambiental. Sendo assim, é possível parafrasear Oliveira e Tomazetti (2012) quando consumidores do mundo virtual vão à escola.

6. Diante da pandemia uma Educação Ambiental que se desvela no trabalho de campo

As experiências com metodologias contextualizadas envolvendo variedades pesquisa de campo são exemplos destacados quanto à capacidade de associação entre temáticas ambientais complexas. Um conjunto de atividades com registro de anotações de campo podem proporcionar, numa perspectiva de um conhecimento interdisciplinar, frutíferas reflexões à educação ambiental e adesão à reflexividade como mecanismo de compreensão das questões ambientais. Ainda mais que a pandemia trouxe novos aportes ao nexo sociedade/homem e natureza, ou a possíveis impugnações que elementos da natureza podem impor à trajetória das ações humanas.

A água pode exemplificar um tema gerador no contexto educacional com diversas perspectivas, com um debate a propósito de um dos fundamentais pontos da crise socioambiental. A abordagem de dimensões espacial e temporal, considerará local e geral, usos diretos e indiretos para enfrentar a predominante fragmentação do conhecimento (BACCI; PATACA, 2008). Isto implica em responder a interrogação sobre a origem e o destino das águas que nos servem cotidianamente. Me diga o que comes e o que bebes e te direi quem és! A mercantilização da água de consumo humano pode ofuscar o valor intrínseco do consumo da água in natura. Por isto, a abordagem diversificada por metodologia de cunho e conteúdo interdisciplinar aciona uma visão integrada e atenta à complexidade do tema para a construção do conhecimento e das práticas de cuidado com os bens ambientais.

Isto não é propriamente um “despertar de uma consciência ambiental” no período pós-pandêmico, que possui uma conotação intimista, mas uma visão de mundo onde a presença dos bens ambientais é valorada como um fenômeno histórico relevante para a compreensão das relações sociais. Isto é o que alguns denominam de uma educação

ambiental crítica ao articular as conexões de poder e o entrelaçamento dos bens ambientais, os ecossistemas com as relações sociais vigentes.

Entre os diferentes paradoxos que povoam a atualidade situa-se a proliferação de informações, especialmente propiciadas pela expansão do acesso à internet (LIMA, 2020), porquanto poderia supor-se que eliminaria o desatino da alienação e da desinformação. Contudo, paradoxalmente, as novas tecnologias se prestam a captar, difundir e multiplicar milhares de dados, todavia não são mecanismos neutros, pois podem ser manipulados por grupos ideológicos, políticos, mercantis ou religiosos para lograr desígnios específicos. A afinidade com a tragédia em curso dos bens ambientais pode ser aparada por uma ecologia política e que por sua vez requer que de alguma forma se ancore em um projeto de sociedade.

Os trabalhos de campo se apresentam como estratégias pedagógicas, ao mesmo tempo em que o simples contato ou proximidade com a natureza ainda não implica em mudança de posicionamento numa sociedade consumista. Do contrário, praias lotadas seriam momentos ímpares de um aprendizado ambiental excepcional, bem como não se trata em síntese de visitar “espaços naturais intocados”. Tratar-se-ia de adotar estratégias visando assegurar um olhar para a pegada ecológica cotidiana, a salvaguarda de bens não-renováveis, uma ênfase em deslocamentos ecológicos e mecanismos de redução do consumo. Assim sendo, a educação ambiental nesta situação possibilite uma oportunidade audível para o grito de socorro da Mãe Terra (BOFF, 2020), via pela qual poderá corresponder a um tempo de grandes sonhos e utopias, que nos movem na direção do futuro.

Para que este apelo seja audível, mais do que informação, conta uma aproximação pela via da experiência sensível numa atividade ambiental em campo. Da experiência de campo podem brotar um engate para reflexões sobre as causas das crises seja no território ambiental, da pandemia e dos desastres e conflitos socioambientais. De todas é possível detectar aspectos empíricos em nosso cotidiano, sobretudo se compreendermos que estas crises se estendem para além do tempo e espaço, pois que sobretudo entrelaçam-se no contexto social da mercantilização de tudo. Não basta falar em crise e suas soluções

mitigadoras na educação ambiental, pois que importa extrapolar e compreender que as causas circunscritas também estão entre nós e o tempo e espaço da sua produção está mais explícito e pertencente ao mundo das relações sociais contemporâneas.

A observação das relações sociais permite compreender que a fatura da insegurança múltipla chegou e a população brasileira vem pagando o preço de desigualdades extremadas nessa situação (ALMEIDA; MARIN; MELO, 2020), cuja resolução demandaria consolidar políticas de proteção e bem-estar social e ambiental, ante o desemprego estrutural e a crise fiscal proposital.

A visão de ecologia integral que pode decorrer de trabalhos de campo pleiteia um processo de elaboração, de superação de obstáculos, de execução criteriosa, de sistematização de dados coletados e de reflexão amparada social e cientificamente. Esta reflexão amparada numa crítica às práticas sociais usuais na cultura de consumo desemboca em capacidades de percepção, registro de interdependências, interpretação e problematização. Em outros termos uma educação ambiental na multiplicidade que “considere nas suas múltiplas relações a totalidade da dimensão existencial humana e não humana presente no universo, considerando todas as outridades que são também sujeitos e que assumem e são portadoras de sentidos e experiência intersubjetiva” (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 7). Decorre daí a relevância de observar as práticas sociais e as suas consequências ambientais. A geração de publicações como forma de resistência, sejam acadêmicas, sejam nas redes sociais, comparece como consequência de um posicionamento militante.

7. Considerações finais

Quando um cientista social analisa o atual momento pelo qual passa a educação ambiental e identifica possíveis caminhos isto advém da mediação de uma metodologia científica, com longas horas absorto em pesquisa teórica e empírica. Ao apontar para as delicadas capacidades para a tomada de decisão para a inovação das práticas sociais frente

às consequências pandêmicas se faz presente uma interpretação cujo alicerce é o conhecimento acumulado.

Os percalços enfrentados em tempos pandêmicos advertem que nem a ciência, nem as novas ondas viróticas podem ser lidas como desconectadas das sociedades que a produzem, bem como estas últimas localizam-se encaixadas em ecossistemas. Assim a educação ambiental há de estar conectada à produção de redes de coexistência e interdependências. Colossais desafios à educação ambiental, aqui insuficientemente apontados, suscitados em decorrência da pandemia pode fazer emergir alternativas se lidas as devidas lições. A junção da dimensão individual e coletiva, do poder associado ao fascínio e sedução, de expectativas e de vontades podem fermentar elos em torno de um projeto socioambiental. Este é o caso de selar um pacto socioambiental amparado na ética da alteridade, na solidariedade sociopolítica e na equidade cidadã. O contexto da pandemia nos fez reconhecer as incontestáveis relações entre meio ambiente e saúde, entre cuidado de si, dos outros e do ambiente.

Cabe observar entre os desafios aos ambientalistas: apreço e consideração à democracia na medida em que consiste num sistema de negociação de interesses no interior da institucionalidade do Estado nação. Todavia, salta aos olhos do observador que considerando a larga e profunda pilhagem de bens ambientais quais as condições de possibilidade de uma solução negociada que leve a um destaque para a educação ambiental? Diante das angústias, incertezas e imprevisibilidade há que se revogar os instrumentos que são obstáculo ao combate às múltiplas crises. A pandemia vem abalando, em termos mais gerais, a estrutura própria que alicerçou o pacto social republicano.

Neste colapso multidimensional e de copiosa envergadura, atinente à esfera sanitária, humanitária, política, ética, social e econômica não se pode colocar as instituições sob tensão permanente, ver com bons olhos o defenestrar da democracia, desdenhar de recomendações científicas de instituições sanitárias nacionais/internacionais. A proposição de uma educação ambiental pós-pandêmica terá na dimensão dos bens comuns uma larga fonte inspiradora.

Finalmente, a difusão do vírus como pandemia aponta que a ciência, a tecnologia, a inovação, a pesquisa situam-se em meio à insegurança, esperança e incertezas. Talvez, mais do que isto, a suposta capacidade de domar todas as dimensões da natureza enquadrando-a sob as regras científicas não se demonstrou uma afirmação histórica completa. A proteção aos bens naturais parece fundamental, mas bens coletivos ou comuns se reporta a uma dimensão mais larga incluindo também as dimensões simbólicas e as formas de organização da solidariedade, entre outras. A partir desta ótica os cuidados a serem proporcionados pelas lentes da educação ambiental ultrapassam as dimensões materiais, adentrando o campo simbólico, como de alguma forma tentamos apontar no presente texto. Não há necessidade de ser especialista, para compreender as advertências deixadas pela pandemia do Covid-19: convém reordenar a nossa relação para com os bens naturais, com um outro zelo de cuidadores, respeitosos e sinérgicos. Nada nos garante que, ao contrário, a emergência de outros agentes infecciosos, mais letais e sem o socorro de vacina a curto prazo para mitigar, sacrificando parte significativa de toda a humanidade. Do ponto de vista da utopia: nunca antes na história a aventura comum encontra-se tão conscientemente em nossas mãos: ou seguimos na rota para o abismo ou adotamos outras estratégias para o cuidado da casa comum. Na realidade formas mitigadoras intermediárias podem desenhar-se a partir dos conflitos entre atores sociais.

Referências

ALMEIDA, Alfredo W. B.; MARIN, Rosa E. A.; MELO, Eriki A. (Org.) **Pandemia e Território**. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.

BACCI, Denise C.; PATACA, Ermelinda M. Educação para a água. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 63, p. 211-226, 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: Rumo a uma outra modernidade. 2. Ed. São Paulo: 34, 2011.

BIRAL, Raquel Biz. A dialética na educação ambiental: elementos para pensar a prática docente. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, n./e, p. 29-46, 2014.

CASTRO, Bruna J.; OLIVEIRA, Moisés A. Para além da dicotomia homem-natureza: a perspectiva não-moderna de Bruno Latour. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 35, n. 2, p. 348-361, 2018.

DÍAZ, Felipe R.V. et al. Covid-19: Early Lessons From a New Paradigm in The Globalization Process. **Journal of Research and Opinion**, v. 7, n. 4, p. 2699-2712, 2020.

GIUMBELLI, Emerson; TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade em perspectiva: debates e aproximações do tema pelas ciências sociais. **Religião & Sociedade**, v. 40, n. 3, p. 11-19, 2020.

GROSSI, Miriam P.; TONIOL, Rodrigo (org). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2008.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LIMA, Jacob Carlos. Sociologia, processos sociais e pandemia. *In*: GROSSI, Miriam P.; TONIOL, Rodrigo (org). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 60-64.

MACHADO, Carlos R. S. O vírus, as injustiças e a crise/superação do capitalismo: reflexões desde o vivido na quarentena, *in* MACHADO, Carlos RS; MACHADO, Tainara F.; TORTELLI, Guilherme K. **Ação dos oprimidos contra o vírus capitalista: reflexões desde o vivido**. Marília: Lutas anticapital, 2020, p. 25-98.

MARCHEZINI, Victor. "What is a sociologist doing here?" An unconventional people-centered approach to improve warning implementation in the Sendai framework for disaster risk reduction. **International Journal of Disaster Risk Science**, v. 11, n. 2, p. 218-229, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1, 2018.

OLIVEIRA, Adriano M.; TOMAZETTI, Elisete M. Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio. **Educar em Revista**, p. 181-200, 2012.

PASCHOALOTTE, Leandro M. A relação entre ciência e ideologia em tempos de hegemonia financeira: as biotecnociências e o mercado das promessas. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 55, n. 2, p. 223-233, 2019.

PASSOS, Wagner V. Revolução estética e educação ambiental: Necessidades de uma sociedade transformada pela covid-19. In: SANTOS, Caio F.; MACHADO, Carlos R. S. (org). **Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental**. Florianópolis: Ed. Tribo da Ilha, 2021, p. 170-204.

PEREIRA, Vilmar A.; FREIRE, Simone Grohs; SILVA, Márcia P. Ontoepistemologia Ambiental: vestígios e deslocamentos no campo dos fundamentos da educação ambiental. **Pro-Posições**, v. 30, p. 1-27, 2019.

PIAIA, Thami C.; CERVI, Jacson R. E se tivermos errado o caminho? Reflexões sobre questões ambientais-tecnológicas em tempos de covid-19. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 8, n. 16, p. 152-163, 2020.

PINTO, Céli R. J. As ciências e o conhecimento como ameaças, in GROSSI, Miriam P.; TONIOL, Rodrigo (org). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 355-359

ROLEMBERG, Igor. Onde está o religioso? Mística e espiritualidade no político, no público e no secular. **Religião & Sociedade**, v. 40, p. 49-72, 2020.

SANCHEZ, Wagner L.; ARRUDA, Glair A. Novas faces do cristofascismo no Governo de Jair Bolsonaro. **Revista eclesiástica brasileira**, v. 80, n. 316, p. 353-372, 2020.

SANTOS, Boaventura S. **La cruel pedagogía del vírus**. Buenos Aires: Clacso, 2020.

Submetido em: 28-07-2021

Publicado em: 14-04-2022